

POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA E PEDAGOGIA SOCIAL: DA VIOLÊNCIA DAS CIDADES OLÍMPICAS ÀS PRÁTICAS SOCIOEDUCATIVAS SOLIDÁRIAS

Lara Cristina Veiga Bernardo¹ e Arthur Vianna Ferreira¹.

1. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/FFP).

Autor Correspondente:

Lara Cristina Veiga Bernardo

E-mail: larabernardo78@yahoo.com.br.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo relatar o tratamento dado a população em situação de rua nas cidades do Rio de Janeiro e Niterói em decorrência a preparação dos jogos Olímpicos que aconteceram na cidade do Rio no mês de agosto de 2016. Para tal, é feita na primeira parte uma abordagem histórica e sociológica sobre a situação da população de rua nos centros urbanos e o desenvolvimento do Rio de Janeiro; a segunda parte relata especificamente da forma como a população de rua foi tratada no preparo dos jogos, para isto foram utilizadas publicações de jornais e artigos assim como entrevistas feitas com a população; por fim, a propõem-se a temática da Pedagogia Social como sugestão de alternativa para um trabalho com a população, utilizando as práticas educativas no lugar de violência e exclusão.

Palavras chave: População em situação de rua. Jogos Olímpicos de 2016. Cidades Urbanas. Pedagogia Social.

ABSTRACT

This article aims to report the kind of treatment given to street population in Rio de Janeiro and Niterói cities due the arrangements for the Olympic Games, occurred in Rio in August of 2016. For that, it is shown in the first part a historical and sociological approach about the situation of street population in urban centers and the development of Rio de Janeiro, the second part tells specifically about the way how street population was treated in the Games arrangements. To do, there were used news publications and

articles and interviews made with the population itself; lastly, it proposes about the Social Pedagogy subject as a alternative of suggestion for a population work, using education rather than violence and exclusion.

Keywords: Street Population. 2016 Olympic Games. Urban Cities. Social Pedagogy.

1. INTRODUÇÃO

Alguns dias após o término dos jogos Olímpicos 2016, a cidade do Rio de Janeiro e arredores ainda respira o “espírito olímpico”. As obras de “revitalização” e “modernização” ainda estão em andamento e a desordem costumeira pós-festa ainda está espalhada. No caso da festa em questão, os problemas começaram a surgir antes, quando foi percebido que a cidade precisava de uma “higienização”, que só seria bem sucedida com a remoção (mesmo que a força) das camadas mais abastadas da população. Foram presenciadas, no Rio de Janeiro e Niterói, cenas de choque de ordem contra a população em situação de rua, que com a proximidade dos jogos foi vítima de medidas retrógradas de “limpeza” das cidades. Enquanto as autoridades procuravam (e procuram) simplesmente “esconder a sujeira de baixo do tapete”, é papel da educação pensar em alternativas adequadas e justas para lidar com este e outros problemas sociais. A Pedagogia Social surge então como esta possível alternativa para devolver dignidade aos filhos das cidades, abandonados e agredidos cruelmente por seus “pais”.

2. A CIDADE GRANDE E A INDIFERENÇA FRENTE O OUTRO

“Progresso”, eis a palavra mais encontrada nos lábios dos brasileiros e seus representantes políticos desde o início da República, no século XIX. O progressismo fundou o Brasil republicano e seu positivismo ainda vive, mesmo que seus templos estejam em ruínas. E como capital do país na maior parte de sua história pós “descobrimento” europeu, o Rio de Janeiro é um dos maiores símbolos do progresso nacional. A cidade, que de ultrapassada e suja se tornou moderna, maravilhosa e, mais recentemente, olímpica!

E como toda cidade grande, o Rio de Janeiro tem seus “tipos ideais”¹ e a típica multidão disforme, sem rosto, sem nome, sem “espírito anímico”². Dentre todos os

¹ WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

² SIMMEL, Georg. “Die Großstädte und das Geistesleben”. In: SIMMEL, Georg. *Gesamtausgabe*. Frankfurt: M. Suhrkamp. 1995. vol. 7. pp. 116-131. Tradução de Leopoldo Waizbort.

“tipos ideais”, pode-se observar que alguns são mais notados que outros, estes que de tão pouco notados se tornam invisíveis, pequenos, disformes, como que pedaços de calçamentos defeituosos, abandonados, sobre os quais se deseja que sejam postos longe, tirados de vez da vista. Sobre os quais Victor Hugo declara: “Se perguntássemos à enorme cidade: Mas o que é isto? Responderia: É meu filho.” (HUGO, 1957, p. 381).

Alguns literatos e sociólogos, fugindo das lógicas citadinas e assumindo um espírito *flâneur*³, escreveram sobre estes entes, desprovidos de voz pela sociedade. Paris do século XIX, em seu auge revolucionário político e industrial, desenvolveu uma cidade moderna na qual o mundo ocidental se inspirou e inspira, em particular, o Rio de Janeiro do século XX. Cidade esta (Paris), repleta de filhos, escondidos após as reformas urbanas do final do século. Baudelaire, sobre estes entes escreve:

Pois é preciso amar, sorrindo à pior desgraça,
O perverso, o aleijado, o mendigo, o boçal,
Para que estendas a Jesus, quando ele passa,
Com tua caridade um tapete triunfal.
(BAUDELAIRE, 1857, p. 88)

De repente um ancião cujas pobres sacolas
Imitavam a cor de um céu a tempestear,
A cujo aspecto só choveriam esmolas,
Se não fosse o rancor que ardia em seu olhar,
(*Ibidem*, p. 51)

As grandes cidades onde o progresso se tornou lei, se desenvolveram a partir do século XVIII, de forma alarmante. As populações de Londres e Paris após a Revolução Industrial, mais que dobraram e o mesmo aconteceu em diversas partes do mundo aonde a industrialização chegou. No caso da Inglaterra e França, boa parte da população desapropriada das terras comunais a partir das políticas de cercamentos, migraram para as cidades em busca de emprego nas fábricas, o que favoreceu o desenvolvimento das indústrias. Eric Hobsbawm, em seu livro “A Era das Revoluções” destaca o crescimento das populações citadinas e a criação das vilas operárias, também muito trabalhadas na literatura por autores como Émile Zola, no romance O Germinal.

O crescimento das cidades e da divisão do trabalho favoreceu o crescimento também da pobreza e miséria, devido a uma maior procura de empregos do que

³ *flâneur*: do francês, vadio, vagabundo, aquele que *flana*. Adjetivo empregado para sociólogos e literatos que andavam pelas ruas, à flunar, observando tudo como espectadores das cidades. Possível de ser encontrado em João do Rio e Baudelaire. RIO, João. A alma encantadora das ruas. Ed. São Paulo: Martin Claret, 2013, p.19-40.

oportunidades, ao fornecimento de empregos principalmente para crianças e mulheres devido aos menores salários e a formação do que Maria Stella Bresquiani chama de *mob*.

Nesse contexto a crença desmesurada no trabalho organizado faz com que a presença da *mob* seja vista de forma incidental, a tal ponto que a pobreza dentro dos princípios do *laissez-faire* se transforma num obstáculo a ser superado pela absorção dos pobres ao mundo do trabalho. (BRESQUIANI, 1989, p. 91)

Desta forma, a pobreza nas grandes cidades se torna um problema, com solução muitas vezes no trabalho, que contribuiria para o progresso cada vez mais desenfreado. No caso da Inglaterra e França, foram criadas leis contra vadiagem, que por vezes desencadearam em trabalhos forçados. Na França revolucionária do século XIX, foi criada uma lei, que resultava como pena de trabalho forçado nas colônias, para diversos crimes causados pela pobreza, como roubos. De acordo com Michelle Perrot, em 1854 é criada a lei que define que os trabalhos forçados seriam prestados com deportações, que seriam de acordo com a quantidade de anos que os presos tivessem recebido como punição, para penas abaixo de oito anos. No caso de penas acima de oito anos, os presos ficariam exilados em trabalhos forçados perpétuos. “Logo se vê um salto no número de condenações com mais de oito anos⁴”. É a *mob*, o espírito intelectualista⁵, que se torna indiferente e prefere ter os “indesejáveis” longe de seus olhos.

As revoluções do período chamado “Era das Revoluções⁶” diminuíram ou tiraram por completo o poder dos reis absolutistas e coroaram no lugar, o dinheiro, como rei soberano da sociedade moderna, e principalmente, das grandes cidades. No lugar onde todos são anônimos, indiferentes e divididos entre si, “pois o dinheiro indaga apenas por aquilo que é comum a todos, o valor de troca, que nivela toda qualidade e peculiaridade à questão do mero ‘quanto’” (SIMMEL, 1903, p. 579). E todos aqueles que não representam nenhum valor monetário deixam de ter valor, como células rasgadas, abandonadas nas ruas das cidades.

Desta forma, frente às injustiças sociais, facilmente observáveis nos centros urbanos, Gerg Simmel vai dizer que os homens formam um caráter indiferente, sem o qual não poderiam sobreviver, visto que se reagissem a todos os estímulos e

⁴ PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História*. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

⁵ SIMMEL, Georg. “Die Großstädte und das Geistesleben”. In: SIMMEL, Georg. *Gesamtausgabe*. Frankfurt: M. Suhrkamp. 1995. vol. 7. pp. 116-131. Tradução de Leopoldo Waizbort.

⁶ HOBBSBAWM, Eric. *A Era das Revoluções*. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

modificações da cidade, entrariam em um estado de loucura absoluta. Formam assim, o caráter *blasé*, que não se importa com o mendigo jogado no chão, ou com a idosa pedindo esmolas.

A incapacidade, que assim se origina, de reagir aos novos estímulos com uma energia que lhes seja adequada é precisamente aquele caráter *blasé*, que na verdade se vê em todo filho da cidade grande, em comparação com as crianças dos meios mais tranquilos e com menos variações. (Ibdem, p. 581).

Tomando o modelo francês como exemplo de civilidade, em particular o parisiense, a cidade do Rio de Janeiro do início do século XX se torna extremamente parecida com a parisiense do século anterior. Antônio Edmilson, em seu texto *História da urbanização no Rio de Janeiro. A cidade: capital do século XX no Brasil* compara até mesmo a arquitetura das ruas da cidade que vai se assemelhando à Paris no decorrer das reformas urbanas.

E como cidade grande que o Rio de Janeiro (e Niterói, capital do estado) vai progressivamente se tornando, sua *mob* vai se formando, e com ela, seus entes cada vez mais invisíveis e observados por exceções *flâneurs*, como João do Rio. Enquanto a grande cidade vai se desenvolvendo, rumo a um progresso cada vez maior, as desigualdades vão aumentando, e com elas surgem espectros diversificados, sobre os quais se instaura a cada vez maior necessidade de suprimir do olhar.

Até mesmo o sistema penitenciário do Rio de Janeiro da virada do século imitaria o modelo francês de trabalho forçado afastado do Centro e as reformas procuravam afastar os pobres das ruas por onde as classes mais ricas passavam, fazendo uma limpeza na cidade, iniciando-se assim o processo de higienização que perdura até os dias atuais com todo seu “espírito olímpico”.

O caso denota o espírito das reformas e as pressões exercidas sobre as populações pobres no sentido de limpar a cidade de tudo aquilo que representa o “casco colonial”. Afastar os pobres do centro e não deixar que penetrem nos espaços nobres são os objetivos de praticamente todos os prefeitos da cidade até Pereira Passos. (EDMILSON, 2009, p. 103)

Assim, as ruas da cidade, que de colonial foi se tornando maravilhosa⁷, e da capital do estado, foram sendo cada vez mais tomadas pelos indesejáveis. A grande cidade formou seus filhos miseráveis, desprovidos de conforto, valor monetário e

⁷ EDMILSON, Antônio. “História da urbanização do Rio de Janeiro. A cidade: capital do século XX no Brasil”, in: CARNEIRO, Sandra de Sá, SANT’ANNA, Maria Josefina Gabriel (org.). *Cidade, olhares, trajetórias*. Ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

espírito olímpico. O crescimento da cidade tornou o cronista do início do século XX cada dia mais atual e a miséria, esta mulher flácida e repugnante, chegou a um ponto que já não podia ser ignorada. Até mesmo o blasé que perambula pelas ruas do Olvidor, Misericórdia e Amaral Peixoto já não podia ser tão indiferente frente à enorme quantidade de corpos jogados pelas calçadas.

Em Benares ou em Amsterdão, em Londres ou em Buenos Aires, sob os céus mais diversos, nos mais variados climas, a rua é a agasalhadora da miséria. Os desgraçados não se sentem de todo sem o auxílio dos deuses enquanto diante dos seus olhos uma rua abre para outra rua. A rua é o aplauso dos medíocres, dos infelizes, dos miseráveis da arte. (RIO, 2013, p. 20)

As ruas do Rio de Janeiro tornam-se ao longo do século XX, até chegar no atual, palco do espetáculo da miséria, por onde as “boas moças” não têm coragem de passar sozinhas, mesmo durante o dia, pois a qualquer momento podem ser abordadas por um ameaçador velho pedindo esmolas, ou por um pivete roubando sua bolsa.

A cidade que durante as reformas segregou as diferenças, dividindo em bairros os pobres, médios e ricos, ainda tinha no Centro (tanto do próprio Rio de Janeiro, quanto de Niterói), o lugar de encontro, inevitável para todos, onde os donos das empresas, os empregados e os sem emprego se encontravam. Antônio Edmilson descreve o processo de segregação, a formação dos bairros Botafogo e Vila Isabel, e a tentativa de tornar o centro cada vez mais parecido com Paris.

3. POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA DO RIO DE JANEIRO E NITERÓI E AS OLIMPÍADAS 2016.

Em um momento de crise financeira mundial e nacional, o Brasil ficou responsável por sediar os dois mais importantes eventos esportivos do mundo, seguidos: a Copa do Mundo, em 2014 e os Jogos Olímpicos, em 2016. Com o preparo para ambos os eventos, foi possível perceber uma série de modificações e reformas na cidade que ainda era maravilhosa em 2014 e se tornou olímpica em 2016.

Além das reformas, que foram tão inovadoras e drásticas quanto às do início do século XX, seria preciso remover, juntamente com os entulhos dos “novos velhos cortiços”, a população mendicante, que enfeava a cidade e “assustava” a população.

Em 2013, Sonia Ambrosio da Silva, psicóloga da população de rua da cidade de Nova Iguaçu, na baixada fluminense, escreveu um artigo intitulado *População em situação de rua no Rio de Janeiro: novos tempos, velhos métodos*, onde declara:

Outro problema social, agravado neste momento, é a política de remoções, tão contestada pelos movimentos populares há tantos anos neste país, que está sendo praticada a revelia dos moradores de áreas de interesse e que estão próximas aos locais onde acontecerão os jogos, sem o consentimento dos que habitam a cidade de forma desordenada, dos que circulam em espaços públicos como se fossem privados. (SILVA, 2013)

Desde o início do ano de 2016, a população de rua do Rio de Janeiro passou a incomodar ainda mais as autoridades que nos preparos para a Copa do Mundo. Em 2015 foi publicada uma matéria pelo jornal O Globo intitulada: “População de rua aumenta sensação de insegurança em Icarai”.

O bairro de Icarai, em Niterói, é um dos mais caros para se viver. Mesmo assim, moradores reclamam que vivem com medo da violência. Através do WhatsApp do GLOBO (21 99999-9110), um leitor, que pediu para não ser identificado, relatou que um dos motivos para a sensação de insegurança no bairro é a presença de moradores de rua. Ele informou que, na esquina da Rua Otavio Kelly com Ary Parreiras, há mais de 45 dias, um casal passou a ocupar parte da calçada. Segundo o leitor, eles ficam em frente a um imóvel de dois andares, que possui diversas salas vazias, disponíveis para aluguel. (O GLOBO, Nov. 2015)

A publicação foi acompanhada de uma imagem do casal de rua com a legenda: “Casal de moradores de rua causa medo em Icarai”.

A *mob* não deixa de ser blasé ao perceber a presença do outro, mas acentua sua característica quando além de simples indiferença, sente repulsa por aquele que é diferente.

Decerto, se não me engano, o lado interior dessa reserva exterior não é apenas a indiferença, mas sim, de modo mais frequente do que somos capazes de perceber, uma leve aversão, uma estranheza e repulsa mútuas que, no momento de um contato próximo, causado por um motivo qualquer, poderia imediatamente rebentar em ódio e luta. (SIMMEL, 1903, p.583)

Com a aproximação das Olimpíadas, esta repulsa sobre a população em situação de rua em Niterói e no Rio de Janeiro, pareceu se acentuar. Para que se saiba o que acontece com esta população, assim como com qualquer outra, é preciso ver com os próprios olhos e escutar daqueles que mais sofrem com a indiferença das grandes cidades e a necessidade de “higienização” a partir da retirada daqueles que são considerados como “lixo”. Lixo este, por vezes considerado muito perigoso.

Foi observado no centro do Rio de Janeiro, faltando mais de dois meses para os jogos olímpicos, no inverno de junho, por volta de uma hora da madrugada, um caminhão pipa jogando jatos de mangueira em um enorme grupo de moradores de rua que dormiam na calçada. O observador, que preferiu se manter anônimo, disse que passava de ônibus quando viu o fato.

Em Niterói foram escutados diversos relatos sobre tratamento de choque durante as madrugadas, no centro da cidade. Muitos moradores declararam que por volta de uma hora da madrugada, mais ou menos uma vez por semana, a partir de alguns meses antes das Olimpíadas, estavam sendo acordados pela polícia, que recolhia seus pertences, jogando-os em um caminhão e colocava todos dentro de um ônibus com destino à delegacia, onde uma fixa era baixada. Aqueles que de alguma forma estavam devendo à justiça ficaram presos, enquanto que os que nada deviam foram liberados, no entanto, sem seus pertences, mesmo nos dias extremamente frios dos meses anteriores aos jogos.

Para confirmar os relatos e dar enfim voz a esta população profundamente marginalizada, foi feita uma entrevista com alguns moradores de rua, do centro de Niterói. As entrevistas foram feitas no dia 19 de julho de 2016, das 11 horas e 47 minutos às 12 horas e 40 minutos. A conversa aconteceu após um período de oito meses de convivência frequente, algumas vezes por semana, em seus ambientes de vivência diária. A entrevista foi somente gravada com o auxílio de um aparelho celular simples e feita durante o momento em que os moradores de rua se preparavam para almoçar, na Avenida Visconde do Rio Branco, Centro de Niterói onde comumente é possível encontra-los, neste horário.

Chegando ao local houve grande acolhida e boa receptividade pelos moradores, que ofereceram o almoço que estava preparando. Foi falado sobre o trabalho e pedido voluntários para a entrevista. A partir de agora faremos o relator de três moradores entrevistados e que seria mantido o seu anonimato com nomes fictícios:

Pesquisadora: O senhor pode contar sobre a intervenção que a polícia e guarda municipal têm feito?

Luiz: Eu perdi, ali a minha barraca de campi, uma e meia da manhã, fui parar na *sete meia*, ali, minha barraca de campi. Perdi mais de 500 reais pros guardas, ali, que levaram minhas coisa.

Pesquisadora: Foi quando isso, que eles levaram suas coisas?

Luiz: Vai fazer uns dois meses atrás. Ai levaram minhas coisas tudinho. Tava ali montado, ali atrás, minha barraca de campi, com dois dias de uso! Dois dias de uso e eles levaram. Ai sobre isso, fui parar na *sete meia*, ali, na sete meia ali, DP. Entendeu?

Filha, aqui, hó! Aqui, mô! (disse chamando sua companheira para que confirmasse a história)

Ai, como eu tava aqui, fui parar no Gragoatá. Lá, você sabe onde é o Gragoatá, né?

Pesquisadora: Gragoatá? Sim!

Luiz: Fui pra lá, lá eles não mexe. Levaram minha barraca de campi novinha, ali hó!

Vem cá mulher, fala aqui... (mais uma vez se referindo a sua companheira)

Pesquisadora: E lá no DP, o que fizeram?

Luiz: Lá no DP eles não me entregaram minhas coisas. Eles levaram pra prender, pra dar sumiço, pra sair daqui.

Pesquisadora: No DP perguntaram alguma coisa para o senhor?

Luiz: Perguntaram, mas eu, eu tenho meu jeito filha, aí eu tenho meu jeito e ele falou “Não pode mexer com o senhor, porque o senhor é da Marinha”. “Mas vem cá, e as minhas coisas que sumiu ali? Que o senhor levaram?”. Aí eu falei “Vem cá, o senhor me trouxeram pra aqui agora, mas eu não devo nada! Não devo nada! Porque o senhor não me devolveram minha barraca lá?” Só me deixaram com isso aqui hói, roupa do corpo! Só fiquei com a roupa do corpo! Que o resto tudo eles levaram! Botaram no caminhão que tinha e levaram. Eu fiquei com nada! Depois me levaram pro CREPOP⁸ com polícia àquela hora! Eu falei “O senhor tem minha barraca aí?”. Eu perdi mais de 500 merrêi [gíria para dinheiro, 500 reais].

Após a entrevista com os demais, o Luiz pediu para escutar o áudio da sua entrevista. Ao escutar o que ele mesmo disse, começou a chorar.

Pesquisadora: Por que o senhor chora?

Luiz: Por que eu perdi tudo filha! Você não sabe, filha, o que é perder tudo! O que é, morando na rua, conseguir juntar um dinheiro para comprar algo, juntando dinheiro de bico e que os outro dá, pra depois de tanta luta, te tirem o pouco que você conseguiu, do nada!

Outro relato também mostra a agressividade utilizada pelo poder público sobre a ‘limpeza’ social feita pelas autoridades frente a esta população.

Pesquisadora: Pode contar o que tem acontecido, sobre esta questão da polícia estar abordando vocês?

Jardeu: Sim, ali na Amaral Peixoto, filha, é onde eles bate mais, onde sabem que a gente está ali. Aí eles vêm assim na madrugada, uma hora da manhã, já vêm limpando tudo. A gente tenta se comunicar, saber qual o dia e qual horário, mas infelizmente a gente não sabe. E agora a coisa ficou mais “preta” pro nosso lado ainda, porque meteram fogo naquele maldito micro-ônibus que levava nós! Você não soube disso, do micro-ônibus que tacaram fogo⁹?

Pesquisadora: Não soube não.

Jardeu: Aquele micro-ônibus que recolhia nós! Mas só que passaram lá... Só que nós, morador de rua, vai levar a culpa, claro que não! Às vezes eu vejo tanta coisa errada aqui, filha! Patricinhas, *patricinhos*, aí hói, dando pontapé em lixeira, tocando fogo em lixeira... Isso vai sobrar em quem? Em quem tá ali deitado, “Há, foi o morador de rua!”! Mas ninguém imagina, que as patricinhas, que os *patricinhos*, vêm de lá tudo bêbados! Aí vêm chutando balde, chutando tudo! Só não bate na gente porque a gente é unido! Por que eles sabe onde eles mete a mão! Mas agora, derrubar, quebrar isso, quebrar aquilo... Vai estourar em quem? Qual é a corda mais fraca? Morador de rua!

E um depoimento... A própria assistente social falou “Se preparem, porque antes das Olimpíadas nós vamos começar assim, uma varredura geral! Nós vamos limpar

⁸Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas.

⁹ Não foi encontrada nenhuma referência que comprove este relato.

tudo!”. Aqui vai passar a tocha, aqui hó! “Aqui vocês não vão poder ficar”. Eles já estão começando a fazer uma limpeza, pintando tudo, porque a tocha vai passar aqui hó! Ela faz esse percurso aqui, até sair lá em cima no... É Mac, né?

Pesquisadora: Mac!

Jardeu: Aquele negócio redondo lá? Então, a tocha vai sair daqui hó, das barcas e vai passar aqui hó. Ai não querem mais nós aqui. Tanto é, que hoje vieram aqui, mandaram a gente se esconder atrás das pedras, pra alta sociedade não ver que a gente tá aqui.

Pesquisadora: Quem falou isso? Foi hoje?

Jardeu: Hoje! A própria guarda municipal! (disse sussurrando)

Pesquisadora: Pode falar!

Jardeu: A própria guarda municipal! “Hô pessoal, fiquem lá, se escondem atrás das pedras, tá? Porque o pessoal tá ligando muito pra nós e vai passar comitiva de alto nível aqui.” Falei assim “É mesmo? Quer dizer que eu não valho nada? Eles sim e eu não?”. Por esta luz divina filha, to te falando! Ai a gente levou as coisas pra lá, se escondeu! Isso aqui é só por enquanto, daqui a pouco a gente fica ali, hó, lá, onde tá aquela senhora. A gente fica lá. Aqui não pode ficar.

No dia 02 de agosto a tocha olímpica passou pela cidade de Niterói, saindo da Praça Araribóia e indo em direção ao bairro Boa Viagem, onde se encontra o citado MAC (Museu de Arte Contemporânea), passando pela Avenida Visconde de Rio Branco. “O revezamento em Niterói está previsto para começar às 15h30, na Praça Arariboia, no Centro, passando por São Domingos e percorrendo a Avenida Litorânea do Gragoatá até o bairro de São Francisco.” (O GLOBO, jul. 2016).



Foto 1- O GLOBO, Esquemas especiais de trânsito em Niterói para passagem da tocha olímpica. *O Globo*, Rio de Janeiro, jul. 2016. <<http://oglobo.globo.com/rio/bairros/esquema-especial-no-transito-em-niteroi-para-passagem-da-tocha-olimpica-19754593>>, acesso em 28 ago. 2016, às 13 horas e 54 minutos.

E como último relato, vimos de outra pessoa em situação de rua que testemunha a violência empregada nas áreas de circulação e preparação para os jogos olímpicos.

Pesquisadora: Patrícia, você pode me contar sobre a intervenção da polícia nos últimos dias?

Patrícia: O que? Sobre o negócio de eles levá as coisas? Há, eles chega aqui, nós tá dormindo, eles vêm, abordam a gente, leva pá delegacia, leva pá *sete meia*, chega lá, puxa o que tem que puxá da gente. Quem tiver devendo fica, quem não tiver vem embora. Mas só que eles chegam aqui, levam tudo, não deixa nada! Nós tem que correr, né (pede confirmação de uma pessoa próxima, que balança a cabeça positivamente)? Com carrinho, com carinho da gente nas costas, correr com tudo. Não fica nada, nada aqui! Eles vêm levando tudo! Quando não é isso eles vêm querendo bater nos outros, querendo ficar agredindo os outros... Ai tacam spray de pimenta... É varias coisas que eles faz, pô! Varias coisas...

4. A PEDAGOGIA SOCIAL COMO OPORTUNIDADE DE INTERVENÇÃO SOCIOEDUCACIONAL NAS CIDADES.

A Pedagogia Social, assim como o próprio termo, surgiu na Alemanha no início do século XX. Um dos mais significativos teóricos do tema é o alemão Paul Napt, que influenciou diversos estudos sobre o tema, primeiramente na Europa, onde a área assumiu um cunho de elevada importância (principalmente nos países nórdicos e germanos), e posteriormente na África e na América, com Paulo Freire, através de suas teorias educacionais e estudos sobre Educação Popular.

Embora o termo “Pedagogia Social” tenha sido criado no início do século XX, as raízes do pensamento pedagógico social são encontradas bem antes. O desenvolvimento das cidades e consecutivamente, o crescimento da miséria, da *mob* e do *blasé* geraram problemas pensados, assim como no campo da sociologia e da literatura, no da educação por teóricos como Pestalozzi, desde o século XIX. Neste ponto, a educação surge como principal solução para os problemas sociais. Novos métodos foram criados, contribuindo para o campo da política.

A Pedagogia Social surgiu como contraponto à Pedagogia individual, até então defendida; como um pensamento que incluía a dimensão social do indivíduo na educação. Sendo assim, no final do século XIX e início do XX, não existiam pretensões de que as teorias se tornassem um campo à parte, mas que contribuíssem para os

campos já existentes, onde a sociedade deveria ser levada em consideração, visto ser o todo ser humano um *homo educandus*¹⁰.

Tendo como fundamento a Antropologia Filosófica, a Pedagogia Social estava preocupada com a assistência prática, social, que de acordo com Nohl, deveria estar primeiramente baseada no amor e compreensão.

Unida ao Trabalho social utiliza, a partir da década de 1960, o método educacional como estratégia para “impedir e corrigir problemas sociais e aplica-los no combate à aflição social” (SILVA, NETO, MOURA, 2009, p. 38) e desta foram, através de uma abordagem crítica, reconhecer o indivíduo como original e social valorizando a dignidade humana.

Assim, a ajuda social se radicaliza, aproximando a Pedagogia Social do campo das ciências sociais, onde teoria e prática se unem.

Segundo Silva, Moura e Neto (2009), alguns pedagogos sociais são citados, como São Dom Bosco, Henrique Pestalozzi e Paulo Freire, que mesmo sendo assim considerados, nunca utilizaram o termo para se definirem, o que confirma a teoria defendida ao longo do texto, que uni a Pedagogia Social e o Trabalho Social, tornando difícil uma definição muito delimitada.

"A Pedagogia Social se realiza especialmente dentro de intervenções educativas intencionais e não-formais, e é organizada fora das normais agências educativas, como a escolar e a familiar, embora não exclua essas duas normais agências educativas de sua metodologia. Se diferencia da Educação formal que se desenvolve diretamente na família e na escola e daquela informal, caracterizada pela falta de intencionalidade educativa e que se desenvolve através da convivência familiar do grupo de pares e dos meios de comunicação." (*Ibidem*, p.54)

Segundo Ferreira (2012), São Dom Bosco, citado, é um exemplo que caracteriza a Igreja Católica como a primeira “pedagoga social”, sendo esta inauguradora das primeiras escolas para pobres e no caso do Brasil, em particular, a primeira a alfabetizar as populações indígenas e promover uma educação “fora da sala de aula”, na mata virgem, recém encontrada pelos exploradores portugueses.

A educação religiosa, tal como a educação familiar, é caracterizada como social, sendo, principalmente a familiar, a primeira que a criança irá receber, ou no caso de ausência familiar ou religiosa, a primeira que irá faltar, afetando diretamente no desenvolvimento individual do futuro adulto, seja de forma negativa ou positiva.

¹⁰Do latim, homem que educa. SILVA, Roberto da, NETO, Clemente de Souza, MOURA, Rogério Adolfo (orgs.). *Pedagogia Social*. Ed. São Paulo: Expressão e Arte, 2009, p. 33.

Conforme Ferreira (2012), desde a chegada dos colonizadores portugueses em 1500 até as políticas educacionais mais recentes, é possível observar, que embora os estudos sobre Pedagogia Social venham sendo desenvolvidos desde o início do século XX, ainda hoje, no país, o papel da categoria ainda é muito desconhecido e enigmático. É possível, no entanto, constatar um avanço nos direitos e benefícios garantidos às camadas empobrecidas, em particular após a redemocratização de 1985, que incluíram, mais recentemente, a população em situação de rua como miserável e garantiram ampliação da Educação para os mais pobres, através do sistema de cotas, FIES e PROUNI.

No entanto, mesmo com ampliação de direitos, a população de rua ainda vive situações como a “higienização” antes das Olimpíadas, o que acentua a importância da Pedagogia Social, em particular para uma população que está há tempos longe das salas de aula e provavelmente não se adequaria a uma com total facilidade.

Sendo, de acordo com as teorias desenvolvidas, a PS tal qual o trabalho social e sendo todo homem um *homo educandus*, projetos simples poderiam ajudar na devolução da dignidade da população de rua. Alguns grupos já têm feito trabalhos que podem se enquadrar no campo da Pedagogia Social e que têm gerado resultados muito mais interessantes que as ações de “higienização”, como é o caso do CREPOP de Resende, que tem desenvolvido o trabalho de artes plásticas com esta população, dando origem a exposição “De olho na rua”, e um grupo civil de jovens que fazem apresentações teatrais e conversas, no Centro de Niterói, onde além do caráter educacional-evangelizador, promovem a retirada de documentos, digitação de currículos, envio para abrigos e demais necessidades dos moradores. São exemplos da Pedagogia Social aplicada no contexto urbano.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A rua das cidades grandes é um palco, cheio de vida, onde nas calçadas dormem seus filhos mais renegados, por vezes esquecidos, ignorados, abandonados, por vezes humilhados, perseguidos, difamados. Ao se abaixar para olhar nos olhos destes pequeninos filhos de cada um que vive na cidade (pois ela não é uma ideia, mas um emaranhado de rostos, uma multidão, uma *mob*), é possível enxergar um infinito de aflições e angústias, histórias, medos, vida.

Desde a formação dos centros urbanos, a população de rua tem sido tratada de forma desumana, como se dali não pudesse surgir nada de bom. A marginalização da

pobreza e falta de investimentos públicos para resolver a questão da miséria só tem agravado o quadro já há muito drástico.

Enquanto investimentos em estádios, viadutos e calçadas estavam (e estão) sendo feitos, estes mesmos locais públicos vão se tornando o lar daqueles que nada têm a não ser a esperança de que um dia, alguém deixará de ser blasé e olhará com olhos humanos; na cidade sorriso, na cidade olímpica, em Londres, Paris, em todo lugar do mundo onde a indiferença tenha se tornado a lei para sobrevivência e o valor monetário o rei absoluto.

João do Rio, que escreveu há cerca de cem anos as crônicas mais atuais e sobre a rua declara:

A rua faz as celebridades e as revoltas, a rua criou um tipo universal, tipo que vive em cada detalhe, em cada praça, tipo diabólico que tem, dos gnomos e silfos das florestas, tipo proteiforme, feito de risos e de lágrimas, de patifarias e de crimes irresponsáveis, de abandono e de inédita filosofia, tipo esquisito e ambíguo com saltos de felino e risos de navalha, o prodígio de uma criança mais sabida e cética que os velhos de setenta invernos, mas cuja ingenuidade é perpétua, voz que dá o apelido fatal aos potentados e nunca teve preocupações, criatura que pede como se fosse natural pedir, aclama sem interesse, e pode rir, francamente, depois de ter conhecido todos os males da cidade, poeira d'ouro que se faz lama e torna a ser poeira – a rua criou o garoto! (RIO, 2013, p. 21).

E conclui, “Talvez que extinto o mundo, apagados todos os astros, feito o universo treva, talvez ela ainda exista, e seus soluços sinistramente ecoem na total ruína, rua das lágrimas, rua do desespero – interminável rua da amargura.” (*Ibidem*, p. 40)

6. REFERÊNCIAS

BAUDELAIRE, Charles. **Fleurs du Mal**. Ed. Paris: Poulet-Malassis et de Broise: 1857.

BRESQUIANI, Maria Stella M.. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. Brasiliense: São Paulo, coleção Tudo é História, 5ª ed., 1989.

CALIMAN, Geraldo. “Pedagogia Social: contribuições para a evolução de um conceito”, In: SILVA, Roberto da (org.). **Pedagogia Social: contribuições para uma teoria geral**, volume 2. Ed. São Paulo: Arte e Expressão, 2011.

EDMILSON, Antônio. “História da urbanização no Rio de Janeiro. A cidade: capital do século XX no Brasil”, in: CARNEIRO, Sandra de Sá, SANT’ANNA, Maria Josefina Gabriel (org.). **Cidades, olhares, trajetórias**. Ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

FERREIRA, Arthur Vianna. **Representações Sociais e Identidade Profissional: Elementos e práticas educacionais com os pobres**. Ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2012.

HOBBSBAWM, Eric. **A Era das Revoluções**. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

HUGO, Victor. **Os Miseráveis**. Ed. São Paulo: Edigraf, 1957.

O GLOBO, com informações de leitor, População de rua aumenta sensação de insegurança em Icarai, **O Globo**, Rio de Janeiro, Nov. 2015. <<http://oglobo.globo.com/eu-reporter/populacao-de-rua-aumenta-sensacao-de-inseguranca-em-icarai-17951217>>, acesso em 26 de agosto de 2016, às 15 horas e 50 minutos.

O GLOBO, Esquemas especiais de trânsito em Niterói para passagem da tocha olímpica. **O Globo**, Rio de Janeiro, jul. 2016. <<http://oglobo.globo.com/rio/bairros/esquema-especial-no-transito-em-niteroi-para-passagem-da-tocha-olimpica-19754593>>, acesso em 26 de agosto de 2016, às 20 horas e 58 minutos.

RIO, João. **A alma encantadora das ruas**. Ed. São Paulo: Martin Claret, 2013, p.19-40.

SILVA, Roberto da, NETO, Clemente de Souza, MOURA, Rogério Adolfo (orgs.). **Pedagogia Social**. Ed. São Paulo: Expressão e Arte, 2009.

SILVA, S. A.. População em situação de rua no Rio de Janeiro: novos tempos, velhos métodos. **Psicologia Política**, São Paulo, vol. 13, n. 27, ago. 2013.

SIMMEL, Georg. "Die Großstädte und das Geistesleben". In: SIMMEL, Georg. **Gesamtausgabe**. Frankfurt: M. Suhrkamp. 1995. vol. 7. pp. 116-131. Tradução de Leopoldo Waizbort.

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

ZOLA, Émile. **O Germinal**. Ed. São Paulo: Martin Claret, 2006.